

“Lembras-te, irmão”: a poética memorialística dos textos da Casa dos Estudantes do Império

Lucas Esperança da Costa¹

Buscando a memória histórica para gerar engajamento e luta, Viriato da Cruz, poeta angolano é um dos mentores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (1948) e um dos coordenadores da **Revista Mensagem** (1951-1952). Sua poesia busca uma redescoberta da identidade angolana, especialmente através do regionalismo. Segundo Francisco Soares, Viriato da Cruz é “o grande paradigma da literatura nacionalista angolana e o seu máximo expoente poético” (SOARES apud LAZAGNA, 2021, p. 3). Além de sua expressão poética, Cruz é membro fundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), assumindo o cargo de secretário-geral nos anos de 1960. Além dos aspectos políticos presentes na história de Viriato da Cruz, faz-se necessário ressaltar que ele “vai marcar com sua obra muitos intelectuais de Angola, abrindo os caminhos possíveis para os rumos futuros da literatura angolana, ensinando a mobilizar a festa e a revolta popular, (...) e as promessas de libertação nacional”, como afirma Ivo Carneiro de Sousa (2013, p. 3), em Viriato da Cruz: o nacionalista que morreu em Pequim. Acerca de sua obra, Sousa afirma que ele propôs “uma literatura genuinamente angolana que rapidamente alimentou o protesto político, preparando a demorada luta de libertação nacional” (SOUSA, 2013, p. 1)

Sua obra poética encontra-se reunida em dois volumes **Colectânea de Poemas: 1947-1950**, publicada na “Colecção de Autores Ultramarinos”, com edição da Casa dos Estudantes do Império, em 1961 e o livro **Poemas**, de 1974. Acerca da primeira obra, é composta por seis poemas que demonstram a face de um poeta preocupado com questões como a representação de cenas típicas e da aculturação dos angolanos (Makèzú), histórias de costumes (Serão de menino) e sobre o repensar histórico e formação de uma consciência política (Mamã Negra). A respeito da obra poética de Viriato da Cruz, Fernando Soares afirma que há o choque entre dois mundos em seus textos – o antigo e o presente – onde o poeta “está-se num mundo novo com a memória banzada e saudosa do antigo” (SOARES, 2008, recurso on-line).

Para esse estudo, destacaremos o texto “Mamã Negra²” (1950), cujo subtítulo é “Canto de esperança”. Poema militante, falsamente subjetivo, revela uma voz poética que representa

¹ Doutor em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor de Literatura do curso de Letras da Faculdade Santa Marcelina Muriaé. Estágio Pós-Doutoral na UFJF. lesperanca@yahoo.com.br

² O poema aparece pela primeira vez, na edição de nº 1 da Revista Mensagem, nela o poema é dedicado ao poeta haitiano Jacques Roumain, assim mostra a adesão do poeta angolano ao Movimento da Negritude. O poema Mamã Negra aparece também nas **Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império**, no volume sobre Angola

milhares de negros retirados de África e dispersos pelo mundo. Nesse poema, Viriato da Cruz propõe um canto de dor, sofrimento e reencontro com a mãe África e sua história secular. Esse reencontro ancestral, presentifica esse homem fruto da diáspora, em especial, nas Américas. Desse modo, ao recontar esse “drama de carne e sangue” (CRUZ, 2014, p. 27), o poeta visa não apenas rever a história da diáspora, como também trazer à memória histórica a fim de despertar a consciência política, citando diversos nomes e momentos de luta e resistência contra os sistemas opressores. Como destaca já na primeira estrofe:

Tua presença, minha Mãe – drama vivo duma Raça
Drama de carne e sangue
Que a vida escreveu com a pena de séculos. (CRUZ, 2014, p. 27)

A partir desse momento, ouvem-se os ecos da história e das memórias dessa Raça que transmitem dor e sofrimento vindos das plantações as Américas. Na contracorrente da história, ouvem-se as vozes silenciadas vindas das “Carolinas Alabama, Cuba Brasil...” (CRUZ, 2014, p. 27). Grada Kilomba, em **Memórias da Plantação**, afirma que sempre houve uma história de silenciamento das vozes africanas escravizadas. Sobre esses silêncios impostos, ressalta que há “uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar como nossas vozes” (KILOMBA, 2019, p. 27). Ainda sobre processos de fala e escuta, Kilomba destaca que “alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que ‘pertencem’. E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aqueles/as que ‘não pertencem’”. (KILOMBA, 2019, pp. 42-43). Nesse sentido, ao permitir essas vozes suplicantes, Cruz autoriza a escuta dos negros e estabelece essa noção de pertencimento dentro da história, conforme visto no excerto a seguir:

Pela tua voz
Vozes vindas dos canaviais dos arrozais
[dos cafezais dos seringais dos algodoais...
Vozes das plantações da Virgínia
Dos campos das Carolinas
Alabama
Cuba
Brasil... (Cruz, 2014, p. 27)

Percebe-se nesse fragmento a presença do negro nas mais diferentes plantações como café, arroz, algodão, bem como sua presença em todas as Américas. Assim, Cruz marca o papel dos negros no processo colonial. Embora o poeta não se esquive de afirmar a ideia de um Atlântico Negro criado pela colonização europeia nas Américas, tendo o homem negro como

e São Tomé e Príncipe. Observa-se que quase todos os poemas de Viriato da Cruz estão presentes neste volume das Antologias.

força motriz desse empreendimento, ele, na verdade, busca, na história negra, os sinais de resistência, luta política e cultural. Ao longo do poema, citará nomes de personalidades e movimentos negros que souberam resistir e, de alguma maneira, conseguiram fazer revoluções em diversos aspectos. É por meio dessas vozes históricas que Cruz desperta a conscientização da necessidade da luta contra o sistema opressor fascista-colonialista português.

Desse modo, Cruz escuta as vozes dos negros vindas das plantações, dos engenhos, dos campos e das usinas. Vozes estas que criam uma língua crioula advinda da mistura das línguas africanas com a língua do colonizador. Além das vozes que emergem das senzalas e campos, o poeta escuta as canções de lamento. A respeito das canções, em **As almas do povo negro**, W.E.B du Bois afirma que essas canções eram o modo como “a alma do escravo negro falava aos homens” (DU BOIS, 2021, p. 271). Para ele, “essas canções são a mensagem articulada do escravo para o mundo (DU BOIS, 2021, p. 274). Finaliza afirmando que essas canções “são a música de um povo infeliz, de filhos da desolação; falam sobre a morte e o sofrimento e um desejo não expressado por um mundo mais verdadeiro, de andanças nebulosas e caminhos secretos” (DU BOIS, 2021, p. 274). Porém, Cruz também escuta nessas canções vozes de esperança como sugere o subtítulo do poema. Segundo Du Bois,

Em meio a toda a tristeza das Canções de Lamento, há uma esperança – uma fé na justiça final das coisas. As cadências suaves de desespero muitas vezes se transformam em triunfo e confiança serena. Às vezes a fé na vida, às vezes a fé na morte, e às vezes a garantia de justiça irrestrita em um mundo justo além-vida. (DU BOIS, 2021, p. 285)

Nessa trajetória que visa um canto de esperança, Cruz retorna ao *Harlem District South*, reencontra-se com *blues* e com os poetas afro-americanos Corrothers, Langston e Guillén, de forma a demonstrar que em meio a tanto sofrimento, há espaço para a resistência e para a luta. Ao mencionar *Harlem District*, o poeta remete aos leitores ao *The Harlem Renaissance*, movimento cultural afro-americano dos anos de 1930, nos Estados Unidos, quando pela primeira vez as editoras e os críticos levaram a literatura afro-americana a sério e que a literatura e as artes afro-americanas atraíram atenção significativa da nação em geral. Acerca da literatura afro-americana produzida nesse período, observa-se a manifestação do orgulho em ser negro e um crescente sentimento de confiança entre os afro-americanos. Além disso, destaca-se ainda a elevação da raça através da cultura, desafiando estereótipos raciais e promovendo a integração racial.

A respeito dos poetas, Cruz cita um verso de James D. Corrothers, poeta afro-americano, considerado o poeta raça. Em seus poemas, retratava a vida urbana afro-americana da classe trabalhadora e denunciava a discriminação racial, ao mesmo tempo predizia um futuro brilhante

para a humanidade. No poema citado pelo poeta angolano, “Nas portas fechadas da Justiça³” Corrothers apresenta as dificuldades enfrentadas pelos negros americanos, quando veem diante deles todos os portões da justiça fechados e se questiona “*Lord God, what evil have we done?*”⁴” (CRUZ, 2014, p. 27). Apesar dessa interpelação, o poeta acredita que um dia cumprirá o objetivo ainda não alcançado por ele, e cruzará o portão reluzente de ouro e ametista. Cruz menciona também James Langston Hughes, um dos principais nomes do *Harlem Renaissance*, cujo texto “O artista negro e a montanha racial⁵ (1926)” destaca desapontamento com os poetas negros que desejavam ser apenas poetas, esquecendo-se de sua herança racial, sendo absorvidos pela cultura branca. No entanto, conclui seu texto afirmando que os poetas negros estão construindo “templos para o amanhã⁶” (HUGHES, 2023, recurso on-line) e, dessa forma, alcançarão o topo da montanha. Por fim, escuta a voz de poeta cubano Nicolás Guillén, considerado o maior poeta do negrismo caribenho, cuja poética busca a consolidação da identidade nacional cubana. De acordo com Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves, em Nicolás Guillén e a negritude latino-americana, “toda sua obra é uma batalha contra a opressão, contra os privilégios e rivalidades que separam os seres humanos de qualquer condição” (GONÇALVES, 2003, p. 144).

Vozes do Harlem District South
vozes das sanzalas
Vozes gemendo blues, subindo do Mississípi, ecoando dos vagões.
Vozes chorando na voz de Corrothers:
Lord God, what evil have we done
Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.
Voz de todas as vozes, na voz altiva de Langston
na bela voz de Guillén... (CRUZ, 2014, p. 28)

Ao trazer essas vozes em seu poema, Cruz demonstra que existiram vozes que resistiram e lutaram em todas as partes do Atlântico Negro. Movimentos e lutas vislumbravam a afirmação da identidade racial negra, assim como de uma identidade nacional. Vozes que cantaram as dores e sofrimentos, mas que também sonharam com um futuro de justiça e liberdade. Observa-se que o poeta finaliza o verso dessa estrofe com reticências, numa clara menção que há outros ainda, indicando uma continuidade de nomes.

Na próxima estrofe, Cruz traz a memória dos corpos açoitados e violentados pelo escravizador. Ressalta que os corpos negros são os responsáveis por amaciar e fecundar as terras pelo mundo com suor e sangue. Marca o desejo por esses corpos (ai a cor desses dorsos ...

³ No original: “At the closed gates of Justice”

⁴ Tradução nossa: “Senhor Deus, que mal fizemos”

⁵ Tradução nossa: *The Negro Artist and the Racial Mountain*

⁶ No original: *We build our temples for tomorrow, strong as we know how, and we stand on top of the mountain, free within ourselves.*

(CRUZ, 2014, p. 28), bem com toda a crueldade a que eles foram submetidos. Cruz especificamente, traz o nome de Willie Lynch, proprietário de escravos no Caribe, conhecido por manter seus escravizados disciplinados e submissos. A respeito de Lynch, cabe ressaltar que seu nome deu origem a palavra “linchamento” como prática de violência que mantém a ordem; e que durante viagem às fazendas estadunidenses observa a falta de controle dos senhores de escravizados, escrevendo uma carta aberta na qual ensinava estratégias para manter os negros na linha. Nessa carta, está escrito que o medo e a desunião entre os escravizados são os principais instrumentos de dominação e afirma que “o escravo depois de doutrinado desta maneira permanecerá nesta mentalidade passando-a de geração em geração” (LYNCH, 2023, recurso on-line).

Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor
[amaciando as mais ricas terras do mundo
Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos...)
Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, pendentes da força
[caídos por Lynch (CRUZ, 2014, p.28)

Ainda sobre os corpos, Cruz mostra-nos corpos negros que resistiram e lutaram contra os sistemas de opressão dando assim a visibilidade necessária às suas histórias. Recupera a memória do líder negro Zumbi dos Palmares, que comandou um dos maiores quilombos brasileiros no século XVIII. O nome Zumbi se tornou sinônimo de coragem e valentia, uma vez que lutou e resistiu às forças coloniais portuguesas. Além disso, o quilombo o qual comandava tornou-se mais que um refúgio para negros escravizados foragidos: um movimento social na colônia, lugar de fundação de parte de uma nacionalidade brasileira. Além de Zumbi, o poema recupera a memória de Toussaint Louverture, líder negro haitiano que venceu o poder colonial francês. Segundo Michel-Rolph Trouillot, em **Silenciando o passado**, “a Revolução Haitiana era impensável no Ocidente, não apenas porque colocava em questão a escravidão e o racismo, mas por causa da maneira como o fazia” (TROUILLOT, 2016, p. 147). Esse modo de fazer a revolução passava pela libertação do pensamento colonial e a insurgência contra a dominação francesa. Cruz, ao citar Zumbi, Toussaint e a Revolução ocorrida no Haiti visa demonstrar que a emancipação dar-se-á tanto por meio da resistência física, quanto através do despertar do espírito crítico e filosófico sobre a colonização. Nesse processo, o poeta conclama os batedores de jazz e a memória dos tambores ancestrais que brilhem e rebentem os grilhões das Almas que aprisionam ao medo e à desesperança, e que esses negros possam se libertarem.

O poema encerra com duas estrofes que recorrem à Mãe África que sofre ao ver seus filhos nos flagelos da história. A primeira estrofe, em teu colo, o poeta afirma que essa Mãe

acolhe aos filhos alimentando-os em “bondade e poesia/ de música ritmo e graça...” (CRUZ, 2014, p. 29). Por outro lado, essa mãe não reconhece esses filhos vistos como animais, “semoventes, coisas várias” (CRUZ, 2014, p. 29) os quais têm como “brinquedo” a exploração do trabalho escravo. Na segunda estrofe final, o poeta, como filho, descreve a visão a partir do olhar da *mater dolorosa*, que ao longo dos anos experienciou as dores, viu o drama dessa raça, supostamente, amaldiçoada desde os tempos bíblicos⁷, cujo olhar foi perdendo o brilho ao longo dos séculos. Todavia, o filho de África consegue distinguir a esperança nos olhos de sua mãe a partir do brilho que “ora esplende ... cintilante e firme” (CRUZ, 2014, p. 30). Para o poeta, esse resplandecer é a luta pela independência que chega, cujos filhos da terra anunciam e rompem o drama dessa raça e construindo um futuro diferente para a humanidade.

Mas vejo também (oh, se vejo...)
mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos ora esplende
demoniacamente tentadora – como a Certeza...
cintilantemente firme – como a Esperança...
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
– o dia da humanidade
O DIA DA HUMANIDADE... (CRUZ, 2014, p. 30)

Observa-se ao longo do poema que Cruz, como filho de África em luta, trabalha as estrofes em alternância entre sofrimento e esperança, silêncios e vozes, corpos violentados e corpos resistentes, canções de lamento e poesia de confiança, dias escuros da humanidade e o rebrilhar da esperança por um mundo melhor. Nessa última estrofe, a utilização dos verbos no gerúndio “gerando, formando, anunciando” (CRUZ, 2014, p. 30) demonstra um processo ainda em progresso que visa resgatar a memória histórica africana a fim de engajar mais leitores na causa da emancipação. Viriato da Cruz ressignifica o passado, a memória histórica de modo a despertar que apesar de tanto sofrimento imposto aos negros, sempre tiveram aqueles que se insurgiram contra o sistema em busca de um mundo livre, um mundo para a humanidade.

Conclusão

Ao longo do tempo, a Casa dos Estudantes do Império mudou seu papel social. Num primeiro momento era espaço de convivência entre aqueles que vinham das terras africanas para concluírem seus estudos na Metrópole. Contudo, o apoio dado ao regime salazarista a Casa

⁷ Ao longo dos séculos, a maldição de Cam justificou a escravização dos povos africanos. No poema, Viriato da Cruz cita Cam e Jafé, ambos filhos de Noé. Cam ao ver seu pai nu durante uma embriaguez, foi amaldiçoado por Noé. “Maldito seja Canaã. Que seja o mais inferior dos escravos de seus irmãos” (Gn. 9.25). Por outro lado, Jafé é abençoado “Que Deus faça Jafé prosperar, que ele more nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo” (Gn. 9.27). A partir dessa interpretação, Cam representa a África, cujos filhos serão escravos; já Jafé representa a Europa, tendo o direito sobre a escravização dos povos africanos.

objetivava a formação de novos líderes “portugueses” que manteriam a ordem colonial quando retornassem aos seus países. No entanto, a Casa passou a ser um ambiente de formação informal de estudantes, onde tomaram consciência do regime opressivo imposto pelo governo português em seus países. Sendo assim, passaram a lutar contra o regime, sendo muito deles perseguidos e presos, porém muitos tornaram-se líderes e governantes de seus países quando ocorreram as independências.

Nesse processo de resistência e luta, a literatura foi sobremaneira um instrumento poderoso de conscientização e de dispersão a palavra anticolonial. Assim, muitos escritores, mesmo que de forma passageira, embarcaram na vida literária como forma de contribuir na oposição ao regime português. Outros tiveram uma vida mais longa, tornando-se um grande nome tanto da literatura angolana quanto na figuração do imaginário libertário, como Viriato da Cruz.

Porém, o que neste texto é método de usar da memória histórica com a finalidade de revisar a história e construir uma visão mais crítica tanto dos acontecimentos históricos, como alimentar os interlocutores com mensagens de libertação. Ao recuperar os momentos históricos, ele não apenas os traz à baila, mas demonstra que apesar de todo sofrimento acometido aos povos negros pelo mundo, sempre tiveram pessoas, grupos que lutaram e enfrentaram os sistemas de opressão. Cruz utilizou a memória como instrumento para o projeto de construção nacional. Assim, ao recorrer a memória histórica dos negros, ele as incorpora como ativa e viva no ideário de seus interlocutores. Logo, pode-se concluir o papel fundamental da literatura como fonte de conservação e de reavivamento da memória, do passado e da experiência. Sendo assim, afirma Achugar que “assim como houve um tempo para enterrar, ou preservar memórias, agora parece ter chegado o tempo de desenterrar identidades, de ressuscitar histórias, de construir novos monumentos e de desconstruir, ou de transformar, mediante a apropriação, os antigos. (2006, p. 177). Para Cruz, o tempo de desenterrar e se reapropriar das memórias foi durante os anos que se insurgiram contra o fascismo-colonialista português.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- CRUZ, Viriato da. **Poemas**. 2.ed. Lisboa: UCCLA: Mem Martins, 2014.
- DU BOIS, W.E.B. **As almas do povo negro**. Trad. Alexandre Boide. São Paulo: Veneta,
- GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues. Nicolás Guillén e a negritude latino-americana. In: **Contexto**. Vitória, n. 10, p. 141-146, 2003.

HUGHES, Langston. **The Negro Artist and the Racial Mountain**. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/articles/69395/the-negro-artist-and-the-racial-mountain>.

Acesso em: 21 jul. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAZAGNA, A. Viriato da Cruz: da luta anticolonial ao exílio em Pequim. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. 01 - 07, 2021. DOI: 10.5965/2175180313342021e0107. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0107>.

Acesso em: 12 jun. 2023.

LYNCH, Willie. A carta de Willie Lych. Disponível em: https://www.geledes.org.br/carta-de-willie-lynch/?gclid=Cj0KCQjw2eilBhCCARIsAG0Pf8vER8h62gneF9npfLx5hWJMV-RAGwZIHGI7slwlc9RGUMpNTiLzOIaAkeDEALw_wcB. Acesso em: 12 jun. 2023.

SOARES, Francisco. No descruzar dos caminhos: a pesquisa poética de Viriato da Cruz. In: ROCHA, Edmundo; Soares, Francisco; FERNANDES, Moisés. **Angola – Viriato da Cruz: o homem e o mito**. Luanda: Chá de Caxinde, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/31124608/No_descruzar_dos_caminhos_a_pesquisa_po%C3%A9tica_de_Viriato_da_Cruz. Acesso em: 12 jun. 2023.

SOUSA, Ivo Carneiro de. Viriato da Cruz: o nacionalista e poeta angolano que morreu em Pequim. In. Lusofonias. Macau. n. 11. p. 1 a 8. Disponível em: https://www.academia.edu/25567538/Viriato_da_Cruz_O_Nacionalista_e_Poeta_angolano_que_morreu_em_Pequim. Acesso em: 12 jun. 2023.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**: o poder e a produção da história. Trad. Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.